

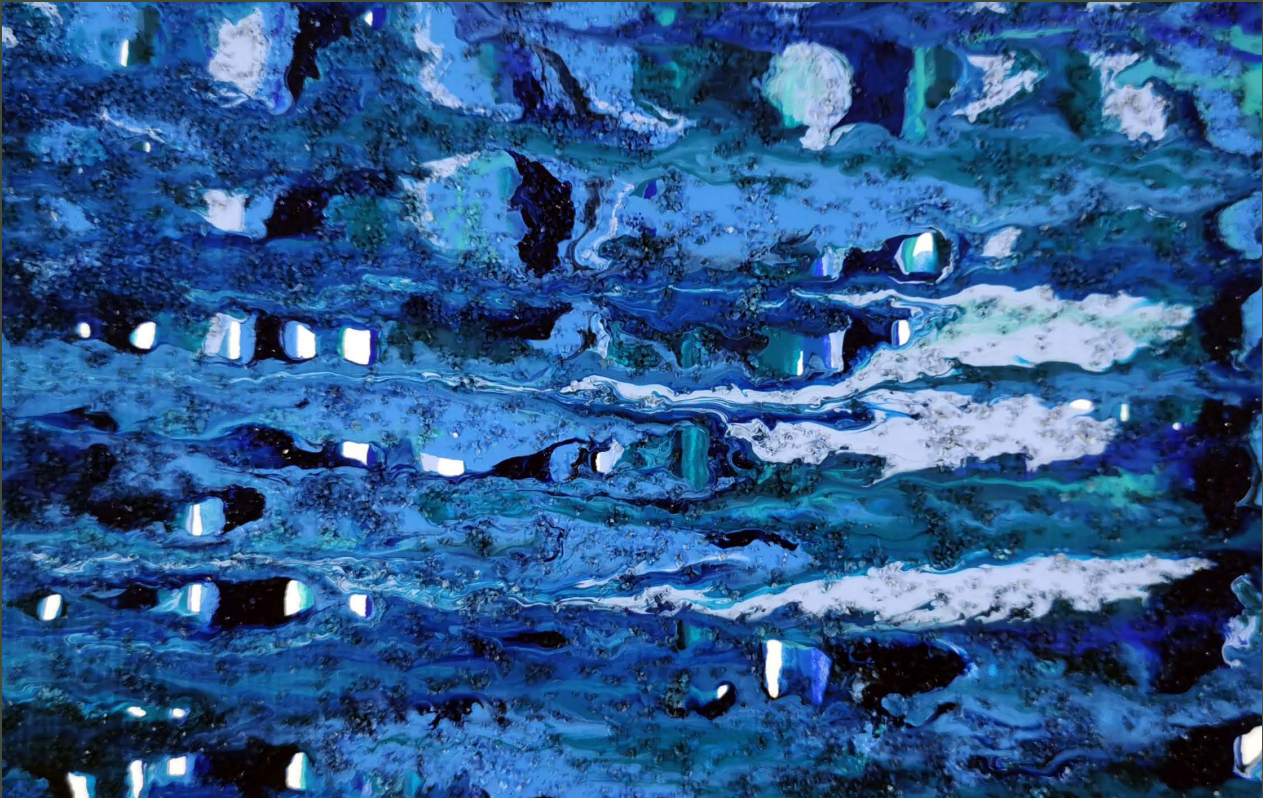
Joao Batista
joabatista.org

/ Resposta sem pergunta, eis a questão



/ É relativamente fácil argumentar que uma pergunta pode ter, ou não, uma resposta. E também não será muito difícil defender que a resposta a uma pergunta pode ser boa ou má, bem ou mal elaborada, sustentada em argumentos mais fortes ou mais fracos. Assim, parece que a sequência que dita que uma resposta resulta de uma pergunta é algo natural, intuitivo.

Quando colocamos esta sequência ao contrário encontramos uma questão mais interessante que, há alguns anos, o Sydney Morning Herald lançou do seguinte modo aos seus leitores: existe uma resposta sem pergunta? Obteve respostas como "Sim?" (Fred Menz, Annandale), "Inquestionavelmente" (Arthur Gray, Wentworth Falls), "Chocolate é a resposta. Quem se importa com o que é a pergunta" (Sandy Parkinson, Hilton, WA), ou ainda "Não é isso que os políticos fazem?" (Shannan Keen, Darlinghurst). Uma outra resposta apresentou-se com um carácter mais existencial: "Não há absolutamente nenhuma dúvida sobre isso - nascemos, vivemos, morremos" (Tony Sevil, Uralla). Esta é uma resposta! De facto, sim: todos nós nascemos, vivemos e, eventualmente, morremos. Mas qual a pergunta que está subjacente a esta resposta? Não sei, e esta ignorância suscita-me algumas perguntas: Como posso eu saber que existo? Porque existo? Que argumentos poderia esgrimir para convencer-me, ou a alguém, de que existo? Afinal, a resposta, "sim, eu existo", não é mais do que um bom motivo para procurar a respetiva pergunta. Podemos colocar esta questão no domínio da criação artística. Para alguns, a arte pode ser a resposta a uma necessidade de ter um modo de vida. Para outros, pode ser um meio de expressão intelectual. Para outros ainda, será um meio de expressão política.



Quando penso na autonomia artística, imagino sempre alguém que não usa a criação artística com nenhum destes objetivos, mas principalmente como uma resposta inerente à natureza humana, a da criação. Podia imaginar algumas perguntas para esta resposta: Como exprimo a minha natureza? Qual a minha reação criativa ao mundo que nos rodeia? Poderia tentar elaborar mais algumas perguntas, mas parece-me um exercício demasiado artificial e forçado quando colocado no domínio da autonomia artística.

Na realidade, encontro esta resposta, a da criação artística, como algo que faz parte indissociável da natureza humana, como uma resposta sem pergunta. Em muitos casos esta resposta não chega a ganhar expressão. Noutros casos, essa expressão surge e desenvolve-se como consequência de algum episódio ou evento, associado a algum contexto. Trata-se de uma resposta, mas que não tem realmente uma pergunta, surge e apresenta-se porque as condições assim o permitiram e estimularam.

Tenho vindo a assistir ao desenvolvimento de uma resposta sem pergunta. No caso, trata-se da expressão artística de Sara Morais (Aveiro, 1971). Apenas porque alguns fatores se conjugaram, ou porque os astros estavam bem alinhados, iniciou um processo de criação artística descomprometido de técnicas ou de orientações académicas, com apurado sentido de experimentação e, principalmente, com autonomia artística. Deste modo, tem vindo a exprimir a sua resposta, sem conhecer nem se questionar, sequer, sobre qual seria a pergunta. Na realidade, não me parece que essa pergunta seja necessária, a resposta obtida é muito mais interessante.

Junto com este texto partilho algumas imagens da obra artística de Sara Morais, que constituem parte da sua resposta, sem pergunta.